

O corpo na Capoeira

MESTRE  PAVÃO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

EUSÉBIO LÔBO DA SILVA

O corpo na Capoeira

MESTRE  PAVÃO

VOLUME 2
BREVE PANORAMA:
ESTÓRIAS E HISTÓRIA
DA CAPOEIRA

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Silva, Eusébio Lôbo da.
Si38c O corpo na capoeira / Eusébio Lôbo da Silva. – Campinas, SP:
Editora da Unicamp, 2008.

Conteúdo: v. 2. Breve panorama: estórias e história da capoeira.

1. Capoeira. 2. África – Cultura popular. I. Título.

ISBN 978-85-268-0829-4
CDD 394.3
301.296

Índices para catálogo sistemático:

1. Capoeira 394.3
2. África – Cultura popular 301.296

Copyright © by Eusébio Lôbo da Silva
Copyright © 2008 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2010

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

DEDICO ESTA OBRA

Em especial à doce filha e contramestra Luana (*in memoriam*).

Ao meu filho e segundo contramestre Ariel.

A Morena, Conceição e Lanara, filhas e neta queridas.

A Silvana e nossos filhos pela permanente confiança e paciência em esperar a produção deste material.

Aos meus irmãos Antônio (*in memoriam*), Maria, Lúcia, Regina e Francisco pela permanente presença em cada uma das minhas realizações.

AGRADECIMENTOS

A Luciana Ribeiro Barbeiro, Laura Pronsato, Martha Dias, Alessandro Oliveira, Tatiana Wonsik e Ligia Tourinho pelo constante apoio.

A Adriana Quartarolla pelas leituras, sugestões e correções iniciais dos textos.

A Ana Basaglia pela generosidade e estudos gráficos que foram fundamentais para os bons resultados desta publicação.

A José Lessa Mattos (David José) pelos constantes e frutíferos diálogos sobre este estudo.

A Alex Wissenbach pela extraordinária ajuda em momentos difíceis.

Ao mestre Jahça pela dedicação na formação de uma belíssima nova geração de capoeiristas.

A Juliana pelas sugestões e comentários ao texto.

SUMÁRIO

Fala, Mestre.....	9
Breve panorama: estórias e história da capoeira	13
Discussão de história e estória(s)	14
História do Brasil – A ausência de dados documentais	16
Documento vivo	
<i>Trajatória dos grupos folclóricos</i>	23
<i>A angola e a regional, e a expansão da capoeira pelo trabalho</i> <i>dos grupos folclóricos</i>	25
<i>Reaproveitamento da capoeira e das danças</i>	26
História da capoeira	27
Origem da capoeira.....	31
Capoeira de Angola.....	35
Etimologia da palavra capoeira	38
“Caá-puêra” ou “capoeira”	38
<i>Capoeira</i> (Odontophorus capueira, Spix).....	42
<i>Capoeira: capão, cesta para carregar galinhas</i>	44
As brigas de capões e o jogo para divertimento.....	52
Mimese	56

<i>Aprendizagem da capoeira: uma imitação não-servil</i>	63
Conclusão preliminar	67
Fala, Mestre.....	72
Referências bibliográficas.....	78

FALA, MESTRE

Desde quando ouvi falar de Eusébio Lôbo, na década de 80 do século passado, tive a curiosidade de conhecê-lo. As referências sobre ele eram de que se tratava de um mestre nas artes da dança, que fora (ou é) aluno do mestre Bimba e um dos pioneiros do processo de popularização da capoeira nos Estados Unidos, para onde ele fora, convidado como dançarino. Qualidade certamente refinada pelo fato de Eusébio ser capoeirista.

Os anos se passaram e só conheci Eusébio no início deste século, quando ele participou da banca examinadora de uma amiga, candidata ao mestrado na Escola de Dança da UFBA. Mas antes disso acompanhava com interesse sua trajetória dentro da capoeira, através dos artigos publicados, das revistas por ele editadas e das notícias sobre suas pesquisas, que me eram trazidas por alunos seus que, com orientação dele, pesquisavam sobre capoeira na Bahia. Assim ficava sabendo que Eusébio estava capoeirando.

Alias, Eusébio está sempre capoeirando, vício que adquiriu desde criança quando começou a praticar capoeira no bairro do Garcia, na ocasião, anos 1950 e 1960, um dos bairros mais ricos de cultura popular da Bahia. Nos ditos, escritos e exemplos de Eusébio, essa riqueza transparece e foi por ele valorizada no exercício do seu ofício como profissional e professor de dança, assim como valorizou as coisas boas que aprendeu frequentando os “bancos da ciência”. É necessário que se enfatize essa característica dele, pois ela se faz presente tanto num lero-lero descompromissado como na mais rigorosa intervenção, por exemplo, numa banca examinadora.

Quando conheci Eusébio, já estava cansado de saber que por trás das feições “invocadas” dos capoeiras (vide Caiçara, Bimba e outros) se concentravam muitas gentilezas, das quais nos tornaríamos mercedores desde que soubéssemos a eles “nos chegar”. Acho que passei no teste, e de Eusébio tenho sido alvo de muitas gentilezas. Através dos seus papos (Eusébio é antes de tudo um bom papo), tenho recebido muitos presentes em forma de infor-

mações, para melhorar a minha maneira de olhar um jogo de capoeira. A leitura figurativa que é feita por ele sobre os movimentos e golpes da capoeira, sobre os espaços que os capoeiras constroem enquanto jogam (isso aprendi com ele) ultrapassa as formas metafóricas e livrescas que basicamente apresentam a capoeira como uma expressão corporal, mas não têm o entendimento desse saber. Eusébio flagra e discorre sobre os lances do jogo como se estivesse acompanhando as imperceptíveis fases de mudança do camaleão.

Essa loquacidade passa para seu texto escrito e está presente neste livro. O texto é abrangente, possui profundidade na abordagem do assunto e está inteiramente atualizado em relação às informações que se renovam constantemente no universo da capoeira, fruto de pesquisas e estudos. Todos os estudiosos citados ao longo do texto são considerados de primeira linha na área da pesquisa e estudo da capoeira.

O texto é amparado numa pesquisa substancial, desenvolvida há muito tempo e comprovada efetivamente pelo autor ao longo dos seus anos de vida como capoeirista, dançarino e professor universitário. Mais ainda: foi experimentado pelo autor através do seu corpo e da sua experiência, que incluiu personagens indispensáveis como mestre (de capoeira) Bimba e Katherine Dunham, a “mãe da dança negra nos Estados Unidos”, ambos mestres de Eusébio, ambos criadores de métodos de ensino para os seus ofícios.

Atento às questões e controvérsias que pulsam no universo da capoeira nos dias atuais (tradição e modernidade, violência, excesso de tecnicismo por parte da educação física), o autor, além de comentá-las, apresenta novas formas de considerá-las, abrindo novas perspectivas para o debate e superação de determinados entraves que ofuscam o entendimento e favorecem o trato preconceituoso desses assuntos.

A composição do livro em quatro volumes é interessante: podem ser lidos em separado, sem obedecer a uma ordem seqüencial e numérica de leitura. Independentes, porém integrados por uma coerência interna, não só concernente à totalidade do assunto, mas por

se constituírem numa obra com intenções didáticas no sentido de orientar um curso de capoeira, acadêmico ou não, contribuindo para a formação de novos capoeiras.

Fred Abreu

BREVE PANORAMA: ESTÓRIAS E HISTÓRIA DA CAPOEIRA

Nesta reflexão não pretendemos explicar historicamente como se deu a origem da capoeira. Discutiremos acerca dos elementos fundantes dessa prática, traçando relações, principalmente, com o que se depreende do corpo na capoeira; com importantes contextos históricos que têm relação direta com os diversos contextos socioeconômicos e culturais do Brasil; com depoimentos, história, estórias e registros da nossa memória, de vivência com essa nobre arte.

Considero a capoeira um maravilhoso tesouro cultural do Brasil. Acredito que essa arte nasceu no Brasil e possui uma origem afro-brasileira. Devido à nefasta destruição da memória documental após a abolição dos escravos no Brasil, em 1888, nós, provavelmente, só poderemos nos aproximar da sua verdadeira origem graças aos esforços dos poucos estudiosos do tema em épocas passadas; das raras, porém, preciosas documentações sobre a escravatura no Brasil, garimpadas por jovens pesquisadores como Antônio Liberac, Carlos Eugênio Líbano Soares, Letícia Reis, entre outros; pela sobrevivência dessa arte nos corpos das periferias das cidades brasileiras; e, o mais importante, pelos preciosos mestres de capoeira que deram continuidade a essa tradição. Verifica-se, na sociedade brasileira, que o negro foi escravizado, porém nunca conquistado. O trabalho foi escravizado, mas a alma não se submeteu à escravidão do corpo.

DISCUSSÃO DE HISTÓRIA E ESTÓRIA(S)

Falar da história da capoeira é resgatar uma parte significativa da história do Brasil; a parte que ficou relegada pelos que foram responsáveis por contá-la. Por mais que se fale da contribuição dos povos de África para a formação da cultura brasileira, na história oficial sua participação sempre foi reduzida.

No máximo, relatava-se com grande exaltação a participação dos valentes portugueses, desbravadores do Novo Mundo – repleto de “selvagens” –, os quais, com a influência católica, promoveram a escravidão em nome da salvação das almas. Enfim, passava-se uma visão eurocêntrica de mundo, a qual continua a prevalecer até nossos dias. Os livros de história do Brasil contavam apenas aquilo que interessava à elite dominante. Nessa condição, a visibilidade da contribuição africana sempre apareceu deturpada por ser escrita sob o prisma cultural do grupo dominante. Só mais recentemente encontramos alguns trabalhos que realizam uma reflexão crítica da história oficial e apontam as contribuições do negro, do índio e dos imigrantes no Brasil.

Crescemos, como a maioria das crianças brasileiras, pobres, da classe média, estudantes de escola pública, aprendendo, no nosso mundo, aquele do dia-a-dia, uma realidade totalmente distante daquela que era ensinada nos livros e, em muitos casos, assimilando uma contradição que se tornou folclórica: “O Brasil é o país dos contrastes”. Essa idéia respondia, de certa forma, às diversas incoerências de discursos e vivências, como a riqueza e a pobreza convivendo juntas e felizes – não se mostrava que as favelas eram continuidade dos quilombos ou uma forma de quilombo urbano, ou que esses locais continuam a ser verdadeiros celeiros de energia humana a ser exaurida pela parcela dominante. Foi somente com os trabalhos de garimpagem realizados por pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento, conjugados aos dados atuais, que se pôde fazer uma releitura crítica e conseqüentemente elaborar uma versão histórica mais próxima dos fatos ocorridos.

As novas pesquisas e as conseqüentes interpretações da história do Brasil permitem uma visão mais ampla da nossa trajetória, ao mesmo tempo em que facilitam a cada pessoa chegar a suas próprias conclusões. Muitas das lacunas foram preenchidas pelas histórias contadas de pai para filho, pelos mestres de capoeira a seus discípulos, pela Preta Velha, ou permanece na memória de pequenos grupos, que praticam as religiões de seus ancestrais, ou pelas músicas, danças e hábitos alimentares. E é nesse processo dialético, entre história e histórias, que hoje se vai construindo, sem a supremacia de uma sobre a outra, um quadro reflexivo mais completo da nossa realidade. Além do mais, esses saberes apontam uma vasta gama de atividades, pouco exploradas e muito ricas para o estudo da nossa cultura.

A nefasta destruição de documentação sobre a escravidão no Brasil só adiou o reconhecimento de parte da nossa história, pois os relatos sobre os negros (Rugendas, Debret, Câmara Cascudo, entre outros) somados à resistência, através da manutenção da cultura afro-brasileira nos corpos dos brasileiros, demonstram a possibilidade de compreendermos cada vez melhor nosso passado e reconhecermos as contribuições dos múltiplos grupos que fizeram a nossa história.

HISTÓRIA DO BRASIL – A AUSÊNCIA DE DADOS DOCUMENTAIS

Ao levantarem-se as questões sobre a época da chegada dos primeiros escravos no Brasil, sua procedência, se vieram de Angola e de lá trouxeram a capoeira ou se a inventaram no Brasil, Waldeloir Rego argumenta:

Infelizmente, o conselheiro Rui Barbosa, por isso ou por aquilo, nos prestou um mau serviço, mandando queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, quando Ministro da Fazenda, no governo discricionário do generalíssimo Deodoro da Fonseca, por uma resolução que tem o seguinte teor:

“Considerando que a nação brasileira, pelo mais sublime lance de sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão – a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade, inficionou-lhe a atmosfera moral;

considerando que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira;

resolve:

1º – Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria.

2º – Uma comissão composta pelos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da confederação abolicionista, e do administrador da recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima e destruição imediata deles, o que se fará na casa de máquina da alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão.

Capital Federal, 15 de dezembro de 1890. – Rui Barbosa.”

E conclui:

De modo que, por enquanto, torna-se impossível precisar quando chegaram ao Brasil os primeiros escravos.¹

De acordo com Júlio Cesar de Souza Tavares, citado por Nestor Capoeira, a real intenção do conselheiro Rui Barbosa “[...] era apagar todas as dívidas de indenização que a nascente República possuía para com os proprietários de terra”.²

As contradições implícitas no próprio texto, ao mesmo tempo em que nos permitem, hoje, com o devido distanciamento, perceber a fragilidade dos argumentos e, também, um pouco da natureza da consciência de parte da elite dominante-dominada³ do possível Brasil: “[...] pelo mais sublime lance de sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão [...] que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade [...]”.

Com essa idéia declara-se que o escravo (ou o ser humano na condição de escravo) não fazia parte da construção da sociedade brasileira, mas afirmava que existia uma “nação brasileira”. Que nação poderia ser sem o reconhecimento do negro e do índio? Seria um outro Portugal? Como estava ocorrendo a gestação dessa nova nação? “[...] cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira”: *Como* eles “entrariam” se já se encontravam no seio, no ventre, na gênese dessa nova nação?

Identifica-se, portanto, a negação do negro, agora, por encontrar-se na condição psicológica de servilismo aos valores de Portugal da época, este constituído da minoria dominante da pretendida “nação brasileira”.

Tudo indica que o grande e complexo problema no reconhecimento da nova nação residia em como articulá-la sem reconhecê-la,

1 Waldeloir Rego, *Capoeira angola – Ensaio sócio-etnográfico*, p. 30.

2 Nestor Capoeira, *Capoeira: os fundamentos da malícia*, p. 56.

3 “Dominante-dominada”, pois a idéia de Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, estava alicerçada nos valores de Portugal. Indica, contudo, uma tentativa de construção de uma pátria.

problemática que se mantém até nossos dias, haja vista a permanência da grande massa de cidadãos excluídos que, mesmo partícipes do desenvolvimento, não encontraram condições mínimas de sobrevivência, como atestam os diversos relatórios da UNESCO ao confirmarem a imensa parcela da população que vive abaixo da linha da pobreza no Brasil.

Queimaram a documentação escrita, porém não puderam queimar os saberes corporais, impressos no Novo Mundo. Isso é fundamental para o regaste da memória da já constituída nação brasileira.

Ao queimar a referida documentação, deixava-se revelar um sentimento paradoxal: de um lado, uma tentativa de apagar as dívidas e a vergonha de atos bárbaros cometidos pela elite dominante; de outro, a recusa em reconhecer o martírio dos povos da África na construção da nação brasileira, afora o já esquecido genocídio dos povos indígenas. Restando com isso uma lacuna, que permanece até nossos dias, entre a realidade cotidiana e uma pseudo-realidade, idealizada, talvez uma primeira manifestação do jeitinho brasileiro, a negação do sofrimento como parte do nascimento, do crescimento e da vida.

O que se pode constatar nas décadas seguintes é o investimento na imigração de povos da Europa para substituir o trabalho escravo, com a justificativa de ser a mão-de-obra européia especializada. O governo investe nessa nova massa de cidadãos que se mistura ao caldo da gênese do pretendido Brasil. Deixam-se de lado “nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira”. Por um lado, confirma-se e acentua-se a idéia do Brasil como país dos contrastes, com o desenvolvimento do estado de São Paulo, na região Sudeste, lócus da imigração dos povos da Europa, e de suas adjacências, em menor grau a região Sul do país, e, por outro, amplia-se a grande parcela daqueles que não entraram na *comunhão* do pretendido país. Mudam-se os termos, o País dos Contrastes passa a ser denominado “Brasis”, porém, pouco se muda na realidade.

Essa grande parcela de cidadãos esquecidos se aglomera em torno dos grandes centros urbanos, formando os quilombos da cida-

de, também chamados de periferias, antes núcleos de resistência à escravidão e hoje, pode-se dizer, núcleos de resistência ao esquecimento, afora os quilombos rurais. É desses locais que nascem muitas das autênticas expressões da cultura brasileira, seus artesanatos, suas danças, suas músicas etc. Muitos se perguntam: qual a origem da capoeira, onde ela nasceu? Posso dizer que ela continua a nascer dos quilombos brasileiros. Ou não é desses locais que nascem os mais expressivos mestres de capoeira, mestres da cultura popular brasileira?

Dois importantes veículos de divulgação da cultura brasileira são o carnaval (samba) e a capoeira. Esta última tem promovido a divulgação mais profunda da nossa história, pela sua crescente prática em âmbito nacional e internacional, expandindo-se pelo mundo afora, com um número cada vez maior de praticantes de diversas nacionalidades, sempre curiosos em saber sobre os aspectos históricos da capoeira e do Brasil. Com esse fato, muitos começam a perguntar o que é capoeira e a resposta não pode passar sem uma reflexão sobre a história do negro no Brasil, portanto, de parte significativa na nossa própria história.

A capoeira é uma arte de difícil definição, por conter em sua estrutura um amálgama de possibilidades de utilizações. Estas aparecem de forma clara, por meio das marcantes características que ela foi incorporando nos vários contextos históricos da nação brasileira. No período da escravidão, as características de “jogo guerreiro” ou “dança guerreira”, como denominou Rugendas, e a dissimulação estavam bastante acentuadas. Já no período pós-abolição, os ex-escravos ficaram completamente à margem da nova ordem social, o que levou muitos deles a retornar a servir a seus antigos senhores, como uma alternativa de sobrevivência, ou a cair na marginalidade juntamente com a capoeira. Além disso, outros elementos foram sendo incorporados à medida que ela vai se tornando mais claramente uma identidade de grupo racial.

Com a ocorrência de sua institucionalização, na chamada era Vargas, surge o Centro de Cultura Física e Regional Baiano, de mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado, 1901-1974), criador da

capoeira regional, que introduziu no universo da capoeira novos movimentos e golpes. Mestre Bimba criou um método singular de ensinar capoeira; aflora a vertente marcial – arte de guerreiros –, como a detectada por Rugendas, revestida da idéia da esportivização; conjuga-se a capoeira com o momento sociopolítico e cultural do país. Pode-se aceitar com facilidade que, em termos gerais, a capoeira regional estabeleceu um novo conceito de capoeira; depois dela a noção de capoeira se transformou.

Nas décadas de 1960 e 1970 surge o começo efetivo da expansão da capoeira e, a partir do chamado período de ouro do folclore baiano, ressalta-se a característica de exibição, de espetáculo, de *performance*, dando continuidade, de forma ampliada, a uma prática também já exercida pelo mestre Bimba desde a década de 1930, com a chamada “turma do Bimba”.⁴

⁴ Manoel dos Reis Machado (mestre Bimba), *Le-le ô, a turma de Bimba chegou – Mestre Bimba e coro* (LP).